



LHM

## O ENCONTRO DO DESERTO COM O MAR: A LITERATURA-MUNDO NO ROMANCE *UN PAPILLON DANS LA CITÉ*, DE GISÈLE PINEAU

Marco Antonio Rocha\*<sup>1</sup>

\* Universidade Federal do Paraná (UFPR)

e-mail: marco.rocha91@gmail.com

Tayla de Souza Silva\*<sup>2</sup>

\* Universidade Federal do Paraná (UFPR)

e-mail: leticiaromariz@gmail.com

**Resumo:** Em *Un papillon dans la cité* [Uma borboleta na vila], Gisèle Pineau escreve sobre o encontro de duas crianças de origens culturais aparentemente distintas que se conhecem nas periferias de Paris. Félicie cresce em Guadalupe, próxima ao mar do Caribe, enquanto Mohamed, embora tenha crescido em Paris, vem de uma família Tuareg, povo berbere do deserto do Saara. A obra, voltada ao público infanto-juvenil, tematiza o encontro desses lugares distantes e a construção das identidades dos personagens a partir do contato com o outro que, no exercício de suas alteridades, descobrem sobre si e se transformam na Relação, conforme propõe Glissant (2021). Gisèle Pineau também cresceu longe de suas raízes, já que, apesar da origem guadalupense, nasceu na França onde viveu até os quatorze anos, quando sua família retornou às Antilhas. Devido à sua trajetória pessoal, a autora carrega um olhar simultaneamente de dentro e de fora sobre sua cultura, o que justifica seu interesse pelo tema dos deslocamentos. O romance, portanto, está no cerne da discussão sobre a literatura-mundo em francês proposta por Le Bris e Rouaud (2007), tanto pelas reflexões proporcionadas por seu enredo, como pela condição diaspórica da biografia da autora. Mas, por acreditar que a definição dos autores do que seria uma literatura-mundo em francês apaga a sua própria pluralidade constitutiva, abordamos também a discussão sobre literaturas sem morada fixa de Ette (2018) a fim de pensar os movimentos que a obra de Pineau pode proporcionar, como uma literatura arquipélago que conecta ilhas distantes.

**Palavras-chave:** Gisèle Pineau. Literatura de expressão francesa. Literatura-mundo em francês. Literatura sem morada fixa. Relação.

### The Encounter of The Desert with The Sea: The Literature-World in The Novel *Un Papillon Dans La Cité*, by Gisèle Pineau

1 Doutorando em Letras com ênfase em Estudos Literários no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0053151529347496>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7484-3639>.

2 Mestranda em Letras com ênfase em Estudos Literários no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná. Bolsista CAPES. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4415905078874675>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-1195-7512>.



**Abstract:** In *Un papillon dans la cité* [A butterfly in the town], Gisèle Pineau writes about the encounter of two children from apparently different cultural backgrounds who meet on the outskirts of Paris. Félicie grows up in Guadeloupe, close to the Caribbean Sea, while Mohamed, although grown up in Paris, comes from a Tuareg family, a Berber people from the Sahara desert. The work, aimed at children and young people, focuses on the encounter of these distant places and the construction of the characters' identities through contact with others who, in the exercise of their otherness, discover and transform themselves in the Relation, as proposed by Glissant (2021). Gisèle Pineau also grew up far from her roots, since, despite her Guadeloupean origins, she was born in France where she lived until she was fourteen, when her family returned to the Antilles. Due to her personal trajectory, the author takes a simultaneously inside and outside look at her culture, which justifies her interest in the topic of displacement. The novel, therefore, is at the heart of the discussion about literature-world in French proposed by Le Bris and Rouaud (2007), both due to the reflections provided by its plot and the diasporic condition of the author's own biography. However, because we believe that the authors' definition of what would be a literature-world in French erases its own constitutive plurality, we also address the discussion on literatures without a fixed abode by Ette (2018) in order to think about the movements that Pineau's work can provide, like a literature-archipelago that connects distant islands.

**Keywords:** Gisèle Pineau. French Language Literature. Literature-world in French. Literature without fixed abode. Relation.

## Introdução

Em poucos lugares do mundo os desertos fazem fronteira com o mar. A Costa dos Esqueletos, na Namíbia, é um desses exemplos, mas trata-se de uma região inóspita: o local em que o Oceano Atlântico a encontra é conhecido como “Portões do Inferno” devido ao naufrágio de muitos navios cujos destroços ainda estão espalhados pelas praias da região. Não é à toa que a cultura dos povos do deserto é extremamente diferente da cultura dos povos insulares, uma vez que seus povos habitam ecossistemas muito distintos. . Entretanto, a globalização acelerada em que vivemos tem diminuído essas distâncias territoriais e colocado em contato essas e outras culturas.

No campo da literatura não poderia ser diferente: obras de autores que tensionam as fronteiras de suas identidades nacionais e evidenciam o hibridismo do qual são compostas parecem ser um fenômeno crescente a partir de meados do século XX que continua se expandindo no século XXI. O professor de Letras Românicas na Universidade de Potsdam, Alemanha, Ottmar Ette (2018), ao analisar obras literárias produzidas a partir da segunda metade do século XX, principalmente de autores cujas identidades não se encaixam em uma identidade nacional, tem as pensado como literaturas sem morada fixa. Para ele, estas não pertencem ao campo de estudo das literaturas nacionais nem das literaturas mundiais, mas necessitam de uma terminologia que pense seus atravessamentos, uma vez que configuram



“um entremundos altamente complexo e estruturado por meio de várias demarcações e falhas” (Ette, 2018, p. 16). Necessidade essa que, ainda segundo o autor, surge devido às mudanças geoculturais e biopolíticas características da 4ª fase da globalização. Dessa maneira, o pesquisador sugere uma epistemologia do movimento, ou seja, em vez de delimitar novos espaços literários para abarcar tais obras, analisá-las a partir de seus diferentes atravessamentos.

É nesse viés que este trabalho se insere ao buscar elementos dos movimentos culturais e das relações identitárias na obra *Un papillon dans la cité* [Uma borboleta na vila] de Gisèle Pineau que atestem o seu caráter vetorial. Isso é, um romance que, embora localizado no Caribe com uma protagonista de origem guadalupense, jamais poderia ser lido apenas como uma literatura nacional já que é atravessado por diversas outras vozes que modificam e reconstroem as identidades dessa personagem no contato com o outro.

Já no título, que poderíamos traduzir livremente como *Uma borboleta na vila*, há a indicação de deslocamento: a borboleta (*papillon*), maneira alusiva de se referir à Guadalupe – ilha localizada no Caribe, classificada como um departamento ultramarino da França – pelo formato de seu território, é uma representação da própria personagem principal do romance, Félicie, que sai de sua terra natal e vai morar em Paris, onde reside sua mãe. A parte da cidade com a qual ela tem contato, entretanto, é a da *cité* – termo utilizado pelo governo francês para designar conjuntos habitacionais construídos pelo Estado nas periferias de Paris a fim de atender a população mais pobre, especialmente de imigrantes, logo após a Segunda Guerra Mundial; o qual decidimos traduzir por “vila” por denominar apenas parte da cidade e por manter esse caráter de região periférica. Félicie constata isso assim que começa a frequentar a escola: “*J’ai des copains et des copines à l’école. Ils sont tous perchés, comme moi dans les maisons hautes de la Cité. Ils sont français, maghrébins, antillais, africains. [...] [Tenho amigos e amigas na escola. Eles ficam todos empoleirados, como eu, nos altos prédios da Vila. Eles são franceses, magrebinos, antilhanos, africanos.] [...]*” (Pineau, 2010, p. 38).

Um de seus colegas de escola preferido é Mohamed, com quem criará laços de amizade profundos. O menino vive uma condição parecida à dela: embora tenha crescido em Paris, vem de uma família de imigrantes de origem tuaregue, povo berbere do deserto do Saara. O encontro dessas culturas distintas acontece por meio da cultura francesa que, embora colonizadora, acaba se tornando uma ponte entre esses lugares distantes, uma ponte



entre o deserto e o mar. Assim, nosso objetivo é analisar como o contato entre dois personagens de origens diversas pode modificar suas identidades, fazendo com que aprendam a se reconhecer em suas semelhanças e diferenças no exercício de suas alteridades, assim como que descubram outras maneiras de ser e existir no mundo, principalmente no caso de Mohamed.

Da mesma forma que sua protagonista, Gisèle Pineau é uma autora também atravessada pela diáspora e sua obra está permeada por elementos autobiográficos que constata sua mobilidade cultural enquanto escritora. Pineau tem um olhar de fora para Guadalupe, pois nasceu e cresceu em Paris, ao mesmo tempo que tem um olhar de dentro para o seu país natal devido às suas origens e ao retorno para lá na adolescência.

### Uma autora que olha de dentro e de fora

La nostalgie d'une île. Une île est en même temps, en tant que lieu, un lieu très singulier, un lieu qui invite au départ: une île, on ne peut qu'en partir (Cassin, 2013, p. 16).

Gisèle Pineau é autora de uma obra consideravelmente volumosa, com mais de vinte livros publicados, entre romances, contos, narrativas infanto-juvenis, testemunhos e novelas. Seus escritos foram traduzidos para o alemão, o inglês, o espanhol, o coreano, o holandês e o grego, mas ainda não possuem tradução para o português. Escritora ativa, Pineau integra o que Christa Stevens classifica como a terceira geração<sup>3</sup> de escritoras das Antilhas (Nnaemeka, 2019), composta por mulheres nascidas a partir da década de 1950, que compartilham temáticas como o exílio, a condição feminina, a realidade político-social antilhana e o questionamento identitário. Além disso, Pineau foi laureada com alguns prêmios importantes como o Prix Carbet de la Caraïbe de 1994 pelo romance *La grande drive des esprits* [A grande deriva dos espíritos], o Prix Terre de France de 1996 e o Prix Rotary de 1997 por *L'exil selon Julia* [O exílio segundo Júlia] e o Prix du Roman Historique de 2021 por *Ady, soleil noir* [Ady, sol negro].

Ela nasceu em 1956, em Paris, onde sua família, saída de Guadalupe, estava radicada devido ao serviço militar do pai. Eles retornaram ao arquipélago quando Pineau tinha

3 A primeira geração seria formada por mulheres nascidas a partir da década de 1950, com nomes como Mayotte Capécia (Martinica), Jacqueline Manicom (Guadalupe) e Michele Lacroisil (Guadalupe). A segunda, por escritoras nascidas a partir da década de 1930, que tem como expoentes Maryse Condé e Simone Schwarz-Bart, ambas de Guadalupe. (Nnaemeka, 2019).



quatorze anos e lá fixaram residência definitivamente. A avó paterna da autora, chamada Julia ou Man Ya, morou com os familiares na Europa durante um longo período, após ter sido “resgatada” (contra a sua vontade) das violências que sofria de seu marido, Asdrúbal. Em *L'exil selon Julia* (2020) – relato com elementos autobiográficos – Pineau narra que essa circunstância foi decisiva para a sua descoberta da vocação literária, já que Man Ya era uma habilidosa contadora de histórias e ocupou o papel de iniciadora da neta no universo antilhano. Analfabeta, ela falava apenas a língua crioula e deixou em Pineau uma marca profunda nesses anos de infância como uma figura portadora de infinita sabedoria e inesgotável afeto.

Man Ya se torna personagem recorrente nos romances da autora. Segundo a pesquisadora Karolyne Porpino de Araújo (2023, p. 26), Pineau “tenta propor uma poética da circularidade/da espiralidade ao falar de sua avó em diversas narrativas, nunca esgotando o tema e promovendo passarelas entre seus livros”. Em quatro romances, a avó Julia é personagem central: *Un papillon dans la cité* [Uma borboleta na vila], de 1992, *L'exil selon Julia* [O exílio segundo Julia], de 1996, *Une enfance outremer* [Uma infância em outro continente], de 2001 e *Mes quatre femmes* [Minhas quatro mulheres], de 2007, o que comprova seu papel fundamental no projeto literário da autora.

No livro *L'exil selon Julia* [O exílio segundo Julia], vida e obra se emaranham de maneira indissociável. O texto é apresentado como um relato<sup>4</sup>, mas narra acontecimentos que coincidem com os fatos biográficos da vida de Pineau no período que se estende do momento em que a família busca a avó Man Ya em Guadalupe, levando-a para a França, até o retorno definitivo deles para as Antilhas, o que corresponde a cerca de dez anos. De acordo com Araújo (2023), a própria autora estimula o pacto autobiográfico<sup>5</sup>, já que nomeia sua narradora como Marie, que é seu nome do meio – Gisèle Marie Pineau. O relato compreende “três grandes experiências sobrepostas de exílio” (Araújo, 2023, p. 23): a da narradora (que nasce na França mas não se sente pertencente ao país por sua cor de pele e pelo racismo que sofre na escola), a dos seus pais (que sempre sonharam em sair das

4 Embora já anuncie na epígrafe que transita entre memórias e invenções: “Hasards de ma mémoire, inventions? / Tout est vrai et faux, émotions. / Ici, l'essentiel voisine les souvenirs adventices. / Il n'y a ni héros ni figurants. / Ni bons ni méchants. / Seulement l'espérance en de meilleurs demains [Acasos da minha memória, invenções? / Tudo é verdadeiro e falso, emoções. / Aqui, o essencial avizinha as lembranças incidentais. / Não existem heróis nem figurantes. / Nem bons, nem ruins. / Somente a esperança em amanhãs melhores]”. (Pineau, 2020, p. 7)

5 Philippe Lejeune (1975) postula que uma obra estabelece um pacto com o leitor: pode se tratar de um pacto autobiográfico quando, entre outros fatores, o nome do autor, do narrador e do personagem principal são os mesmos, ou se tratar de um pacto romanesco, quando estes elementos não coincidem.



Antilhas) e a de Man Ya (que sustenta a atitude de recusa radical em relação à França, mantendo sempre forte seu vínculo afetivo com Guadalupe). O núcleo da narrativa são as vivências compartilhadas pela narradora com a avó, que transitam entre o estranhamento (com a língua crioula, com o analfabetismo, com os saberes da terra etc.) e o deslumbramento.

Já em *Un papillon dans la cité* [Uma borboleta na vila], Pineau faz uma espécie de experimento reverso com sua própria biografia. Neste livro, acompanhamos a trajetória de Félicie, uma menina que nasceu em Guadalupe, onde foi criada pela avó, e é levada para morar na França ao completar dez anos, para viver com a mãe e sua nova família. A narradora faz, portanto, o percurso inverso em relação à vida da autora, mas ambas têm em comum a figura de Julia, ou Man Ya, que é ficcionalizada no romance, mantendo o nome e muitas das características da avó de Pineau. Pauline Franchini (2019) sugere que o romance foi, talvez, a oportunidade que a autora encontrou de inventar para si uma infância idealizada nas Antilhas e também de reparar a realidade, já que no mundo inventado Man Ya jamais deixou sua ilha tão amada.

O romance de 1992 foi o primeiro a ser publicado pela autora e é destinado ao público infanto-juvenil<sup>6</sup>. Segundo Franchini (2019), a obra se inscreve no gênero de *récit d'enfance antillais*<sup>7</sup> [relato de infância antilhano], caracterizado por elementos como cenas de preparação de pratos das Antilhas, a importância da figura materna, recitação de poemas infantis, dentre outros. Esses romances, que levam a sério o leitor, trazem questionamentos sobre identidade e contextualizam acontecimentos históricos, com o objetivo de incentivar o desenvolvimento de pensamento crítico.

Véronique Bonnet (2017) afirma que os romances infanto-juvenis de Pineau normalmente se desenvolvem em um terreno comum: são crianças que estão fora do seu país de origem e precisam forjar sua identidade a partir da negociação transcultural e da (re)conciliação entre dois mundos. Essas personagens:

[...] vivem na metrópole uma migração ambígua, não reconhecida como tal, uma negação de cidadania que as aproxima da condição de qualquer outro migrante. Tendo como pano de fundo a experiência do racismo, do contato com a miséria do

6 Outros romances de Gisèle Pineau destinados ao público infanto-juvenil são: *Le Cyclone Marilyn* [O ciclone Marilyn], de 1998, *Caraïbe sur Seine* [Caribe sobre o Sena], de 1999, *C'est la règle* [É a regra], de 2002, *Les colères du volcan* [Cóleras do Vulcão], de 2004 e *L'Odysée d'Alizée* [A Odisseia de Alizée], de 2010.

7 Outros grandes nomes da literatura antilhana que fizeram experimentações com o gênero *récit d'enfance antillais* foram Patrick Chamoiseau e Maryse Condé (Franchini, 2019; 2022).



mundo, do rebaixamento social e da nostalgia da ilha perdida, as pequenas heroínas tecem os fios do seu próprio destino.<sup>8</sup> (Bonnet, 2017, s./p.).

Antje Ziethen (2012), por sua vez, propõe que existe um nicho mais amplo, que seria a literatura infanto-juvenil da diáspora, da qual fazem parte autores de outras localidades também, como Haiti, por exemplo. Ziethen (2012) descreve um cenário que se repete nesses romances: os protagonistas são sempre deslocados para um mundo desconhecido onde acontece o encontro com o Outro e, nessa circunstância, eles precisam demonstrar sua capacidade de adaptação, sem deixar de ser fiéis a si mesmos e a seus valores. No percurso, eles descobrem a riqueza de pertencer simultaneamente a dois lugares – o país de origem e o país de acolhimento –, estabelecendo uma conciliação interna.

É justamente esta a situação que acontece com Félicie em *Un Papillon dans la cité* [Uma borboleta na vila]. No romance, acompanhamos o amadurecimento da personagem a partir das dores e (auto)descobertas vividas na experiência de exílio. Ao se ver nesse novo ambiente hostil, longe da avó, a primeira reação de Félicie é o desejo de retornar para Guadalupe e a rejeição do estilo de vida da mãe.

Cerca de uma hora da manhã, mamãe me perguntou se eu preferia o Natal da França ou de Guadalupe. Para lhe agradecer, respondi que gostava mais do Natal da França. Ela se regozijou, acreditando ter conquistado – tenho certeza – uma vitória a mais sobre Man Ya. Fui para o meu quarto. Pela janela, longe, longe, nos imóveis de outra vila, luzinhas de Natal brilhavam no escuro. Isso me lembrou da festa de Todos os Santos em Haute-Terre e seu cemitério iluminado de milhares de vagalumes sobre os túmulos<sup>9</sup> (Pineau, 2010, p. 52).

Mas, ao longo da narrativa, a personagem vai se transformando e criando novos espaços dentro de si para acolher o diferente. No final, depois de uma breve visita para sua ilha natal, Félicie retorna a Paris com alegria, aceitando que poderia carregar as duas identidades, sem a necessidade de sacrificar Guadalupe ou a França, sua avó ou sua mãe. Na despedida, Man Ya abençoa sua partida com palavras tranquilizadoras:

8 Tradução nossa. No original: “[...] vivant en métropole une migration ambiguë, non reconnue comme telle, un déni de citoyenneté qui les rapproche de la condition de n’importe quel migrant. Sur fond d’expérience du racisme, d’épreuve de la misère du monde, de relégation sociale et de nostalgie de l’île perdue, les petites héroïnes tissent les fils de leur propre destin.” (Bonnet, 2017, s./p.).

9 Tradução nossa. No original: “Vers une heure du matin, maman m’a demandé si je préférerais le Noël de France ou celui de la Guadeloupe. Pour lui faire plaisir, j’ai répondu que j’aimais mieux le Noël de France. Elle s’est rengorgée, croyant avoir remporté – j’en suis sûre – une victoire plus sur Man Ya. Je suis partie dans ma chambre. Par la fenêtre, loin, loin, dans les immeubles d’une autre cité, les petites lumières de la fête de Noël brillaient dans le noir. Ça m’a rappelé la Toussaint à Haute-Terre et son cimetière illuminé de milliers de bougies allumées sur les tombes” (Pineau, 2010, p. 52)



– Você voltará logo para ver sua velha Man Ya, Fefe... Você vai embora mais uma vez, mas, na verdade, compreendi que você nunca deixou essa casa onde compartilhamos seus primeiros anos. A cada dia, eu te via do meu lado. Ou mesmo na estrada, vindo ao meu encontro. Eu escutava suas belas recitações. E, a cada noite, sentia seu corpinho quente debaixo da cobertura. Todos os meus sonhos navegavam em sua direção. É por isso, veja bem, que meu coração não se partiu quando você apareceu, outro dia, no fim da estrada. Verdade, Fefe! Você nunca me deixou...<sup>10</sup> (Pineau, 2010, p. 122).

Não à toa o exílio aparece como tema principal nos dois romances mencionados – *L'exil selon Julia* [O exílio segundo Julia] e *Un Papillon dans la cité* [Uma borboleta na vila] –, que se emaranham com a trajetória de vida da autora. Embora as ilhas sejam até hoje consideradas como departamentos franceses, a experiência vivenciada pelos antilhanos na metrópole se assemelha à de qualquer imigrante, como aqueles vindos de outros países do Sul Global<sup>11</sup>, devido a questões como o racismo<sup>12</sup> e a remanescência de uma postura colonialista.

A trajetória pessoal de migração faz com que Pineau ocupe um lugar ambíguo em relação às Antilhas, de alguém que tem ao mesmo tempo um pé dentro e outro fora. Daí seu interesse por personagens em deslocamento, que questionam e ampliam a própria identidade. No romance aqui analisado, Félicie também vai se tornar um ser híbrido, pois, a partir do momento em que deixa Guadalupe e vive o encontro com o outro, ela se transforma irreversivelmente em uma pessoa diferente do que era na infância com a avó; alguém que carrega em si a mistura dos dois mundos. Stuart Hall afirma que as culturas não são estáticas ou essencializantes, mas fazem parte de um movimento constante de devir. “Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de

10 Tradução nossa. No original: “ – Tu reviendras bientôt voir ta vieille Man Ya, Féfé... Tu pars encore une fois mais, en vérité, j’ai compris que tu n’as jamais quitté cette case où nous avons partagé tes premières années. Chaque jour, je te voyais à mes côtés. Ou bien sur la route, venant à ma rencontre. J’entendais tes belles récitations. Et, chaque nuit, je sentais ton petit corps chaud dans la couche. Tous mes rêves naviguaient vers toi. C’est pourquoi, vois-tu, mon cœur n’a pas lâché quand tu es apparue, l’autre jour au bout du chemin. Vrai, Féfé! tu ne m’as jamais quittée...” (Pineau, 2010, p. 122).

11 Sobre a questão, o martinicano Édouard Glissant (2021, p. 173) afirma que: “Apesar da cidadania francesa, essa condição não poupou a maioria dos antilhanos que vivem na França e que participam do movimento geral da emergência da emigração para esse país (magrebinos, portugueses, senegaleses etc.)”.

12 Vários autores antilhanos relatam que “se descobriram” negros apenas quando foram viver na França, ao serem confrontados com o olhar do branco. Para citar apenas um exemplo, há a trajetória do martinicano Aimé Césaire, figura central do movimento da Negritude, que pertencia a uma elite cultural na ilha, educado nas melhores escolas, e apenas se deu conta de seu lugar subalterno quando foi estudar na Europa. “Em Paris, capital da metrópole, descobre a África, pelo viés do olhar branco; descobre, ao mesmo tempo, o despertar da consciência negra, através de amigos negros, da África e da diáspora” (Figueiredo, 1998, p. 24). A guadalupense Maryse Condé apresenta testemunho semelhante em seu livro de memórias *O coração que chora e que ri* (publicado pela primeira vez em francês sob o título *Le cœur à rire et à pleurer* em 1999, só ganhou uma tradução brasileira em 2022, publicada pela editora Bazar do Tempo e assinada por Heloísa Moreira).



ontologia, de ser, mas de se tornar” (2003, p. 44). Os personagens de Pineau também estão em constante processo de devir, a partir da relação com o outro.

### Por uma literatura arquipélago

Dans sa finitude, une île est un point de vue sur le monde (Cassin, 2013, p. 15).

A proposta de pensar uma literatura-mundo em francês que abarcasse a produção literária em língua francesa sem fazer distinção entre centro e periferia, ou seja, entre uma literatura dita francesa e outra francófona, aparece no manifesto “Pour une ‘littérature-monde’ en français” [Por uma ‘literatura-mundo’ em francês] publicado no jornal *Le Monde* em 2007 e assinado por mais de quarenta autores. Esse manifesto é consolidado, no mesmo ano, com a publicação de uma obra coletiva intitulada *Pour une littérature-monde* [Por uma literatura-mundo]; organizada pelos franceses Michel Le Bris e Jean Rouaud, ela é composta por ensaios de vinte e sete escritores que dissertam sobre sua relação com a escrita e o uso do francês.

Nos textos de abertura, Le Bris e Rouaud (2007) tentam expor o caráter anti-imperialista desse novo termo ao afirmar que a literatura escrita em francês não é mais somente uma literatura francesa, mas diversa e plural, pois é produzida em todos os continentes, com autores de diversas nacionalidades e identidades múltiplas, muitas vezes diaspóricas. Entretanto, os autores que contribuem para o volume evidenciam o impasse que o termo “literatura-mundo em francês” pode acarretar, uma vez que abordam a questão de lugares diferentes, com posicionamentos diversos e muitas vezes discrepantes.

Embora seja impossível abarcar toda a literatura escrita em francês e todos os escritores que a produzem sob uma mesma definição, pois ao mesmo tempo em que ela une suas diversidades, também apaga suas diferenças, é ao menos possível pensar a língua francesa como ponte entre todas essas particularidades. Dany Laferrière, por exemplo, de origem haitiana, mas residente há anos no Canadá devido a um exílio político, em seu ensaio “Je voyage en français” [Viajo em francês], comenta que é através da língua francesa que ele entra em contato com o mundo e o registra em palavras: “J’écris et je lis en français partout dans le monde. C’est cette langue qui m’accompagne en voyage. [Escrevo e leio em francês pelo mundo todo. É esta língua que me acompanha em viagem].” (Laferrière in Le Bris; Rouaud,



2007, p. 87) É também por meio da língua francesa que Félicie, protagonista e narradora de *Un papillon dans la cité* [Uma borboleta na vila] pode dar voz ao seu desejo de escrever: “J’écris tout ce que m’arrive... J’ai un cahier pour ça. [Escrevo tudo que me vem... tenho um caderno para isso.]” (Pineau, 2010, p. 124)

Entretanto, segundo Ottmar Ette (2018), as instituições de ciência e de mídia não conseguem se desvincular de seu olhar nacionalista para as literaturas produzidas por autores como os que assinam o manifesto citado e acabam classificando-as como fenômenos marginais.

Uma escrita sem morada fixa que se esquia de demarcações nacionais – que de fato não precisa de forma alguma questionar a existência de limites, mas, ao contrário, frequentemente os multiplica – abre a concepção de literaturas nacionais por meio da presença crescente de uma literatura que, de modo extremamente insatisfatório, muitas vezes tem subsumido o conceito de “literatura de migrantes” (Ette, 2018, p. 41).

O pesquisador argumenta, então, que são necessários outros dispositivos de análise para tais literaturas. Dessa maneira, seria mais produtivo pensar uma literatura-mundo em francês a partir de seus movimentos, não de suas territorialidades. Para Ette (2018, p. 33), “as literaturas do mundo devem ser pensadas em sua multidimensionalidade vetorial como um espaço fractal descontínuo”, ou seja, é mais importante analisar os caminhos e as formas de comunicação que essas literaturas estabelecem e as relações que fazem entre lugares, culturas, línguas, sociedades diversas do que seus limites e demarcações ou suas dimensões territoriais. Isso não quer dizer que se deva deixar de lado o estudo de literaturas nacionais dentro de um campo de conhecimento, mas, segundo ele, não se deve colocá-las como ponto central do estudo literário e relegar às literaturas do mundo a condição de margem.

No capítulo quatro de seu livro, “Relações”, Ette (2018) mostra como a disposição geográfica do Caribe com sua formação insular permite pensar as relações que as literaturas do mundo conseguem fazer. Segundo ele, a imagem da ilha tem uma significação dupla: se, por um lado, pode representar um isolamento em relação ao estrangeiro, um mundo separado de outros, por outro lado também representa a consciência de uma conectividade ao se relacionar com as outras ilhas próximas e constituir um arquipélago.

Essa disposição do mundo insular para tratar da formação identitária a partir das relações está presente no pensamento do caribenho Édouard Glissant, cuja obra *Poética da*



*Relação* certamente inspirou o título do capítulo de Ette. Glissant (2021) pensa o Caribe como um lugar de encontro, pois, em comparação com o Mediterrâneo, que é um mar fechado e cercado de terras, o mar caribenho é um ponto de conexão entre diferentes lugares. A “realidade arquipelágica” da região, para ele, “ilustra naturalmente o pensamento da Relação” (2021, p. 58-59). Muitas são as definições que o autor dá para o que chama de Relação, mas, em resumo, elas giram em torno da ideia de abandono do pensamento totalitário/unitário, que hierarquiza e define origens, em prol de um pensamento em teia, no qual todas as partes se influenciam e se modificam mutuamente, sem que seja possível delimitar elementos puros. Glissant (2021, p. 161) propõe “a recusa de toda e qualquer generalização do absoluto, até mesmo e sobretudo a que estaria velada nesse imaginário da Relação: ou seja, a possibilidade de que todos possam nela se achar, a todo momento, solidários e solitários”.

Para o Glissant, portanto, as identidades não são encerradas em uma unidade, mas se constroem na constante troca com o outro, na relação. Esse contato nunca é capaz de possibilitar o acesso à totalidade do outro, já que há uma opacidade constitutiva de cada um e, por isso, a relação é fundamental, enquanto diálogo entre singularidades não-redutíveis. Da mesma forma é a ilha: embora tenha sua individualidade constitutiva, está em constante contato com as outras ilhas, formando um arquipélago. Dessa maneira, Ette (2018) sugere que

[...] é necessário desenvolver novos conceitos de relacionalidade ou mobilidade cultural, a fim de representar o Caribe como espaço de movimento, abarcável não mais no meio de um padrão espacial (euclidiano) contínuo, mas sim por meio de uma geometria e uma concepção fractal, a qual leva em consideração as situações de espaço e movimento descontínuas, caracterizadas por múltiplas rupturas e rejeições. Não se trata da construção de um (novo) território, mas sim da concepção de um espaço vetorial pensado de modo quântico-geométrico, dentro do qual os padrões de movimento historicamente acumulados são acessíveis a qualquer momento e no qual aparecem os velhos padrões de movimento “debaixo” dos novos movimentos (Ette, 2018, p. 139).

Logo em seguida, ele afirma que no Caribe “nem tudo está conectado com tudo ao mesmo tempo, mas tudo se cruza e está em contato com tudo em algum momento – seja esporadicamente ou a longo prazo.” (Ette, 2018, p. 139). A avó de Félicie enxerga o mundo de maneira semelhante: no final do romance, ao se despedir da menina que voltará à França, Man Ya a consola dizendo que ainda tem as cartas e as fotos que lhe foram enviadas pela



neta e que, por isso, “[...] *il ne faut plus craindre les kilomètres qui vont nous séparer. Rien n’empêche le soleil de briller sur toute la terre [...] [... não há mais necessidade de temer os quilômetros que vão nos separar. Nada impede o sol de brilhar sobre toda a terra [...]*” (Pineau, 2010, p. 122-123).

No caso em questão, a vivência sem morada fixa é definidora tanto da vida da própria Gisèle Pineau como da trajetória dos personagens Félicie e Mohamed. Podemos, portanto, analisar o livro a partir dessa chave de literatura-mundo, na medida em que o romance constrói uma narrativa que se abre para o diálogo com o outro sem perder sua particularidade local; uma literatura arquipélago, portanto.

### O deserto e o mar

Plutôt que les racines, je cultiverais l’ailleurs, un monde qui ne se referme pas, plein de ‘semblables’ différents, comme soi pas comme soi. Quand donc est-on chez soi? Quand on est accueilli, soi-même, ses proches et sa, ses, langues (Cassin, 2013, p. 131-132).

No romance *Un papillon dans la cité* [Uma borboleta na vila], Félicie e Mohamed desenvolvem uma amizade improvável, já que Félicie é uma menina vinda da cultura insular e uma aluna brilhante, enquanto Mohamed vem das tradições ancestrais do deserto, nunca sequer viu o mar e enfrenta dificuldades com os estudos. Apesar disso, com uma abertura própria das crianças (ou dos imigrantes), eles se tornam grandes amigos. Essa amizade, que simboliza o encontro entre mar e deserto, gera transformações profundas nos dois personagens. Central é o episódio em que Félicie vai à casa de Mohamed e entra em contato com a cultura árabe pela primeira vez, momento marcado por sentimentos ambíguos, que oscilam entre a percepção da alteridade e o reconhecimento de pontos de identificação.

A casa de Mohamed é decorada com imponentes peças de tapeçaria, repletas de detalhes e cores que carregam histórias antigas e nobres; a mesa é farta, com pratos típicos da culinária árabe e doces saborosos; todos os objetos e costumes da família transmitem eles fortes com a cultura de origem. A alteridade se evidencia aos olhos de Félicie a partir da compreensão do abismo que separa uma cultura (a do deserto), que tem traços de tradição e grandeza, e a sua própria (a do mar), que é marcada pela hibridez, pelo sincretismo e pela indefinição.



A cultura muçulmana carrega uma imponência por sua antiguidade. Chahdortt Djavann, ao escrever para o volume *Pour une littérature-monde* [Por uma literatura-mundo], reflete sobre o persa, sua língua materna, afirmando que é um idioma alusivo, rico em alegorias, lírico e imagético: “*Il décrit la vision du monde iranien, il raconte l'histoire du peuple iranien, de l'Iran, son passé, son présent. Il évoque ses contes, sa mythologie* [Ele descreve a visão de mundo iraniana, conta a história do povo iraniano, do Irã, seu passado, seu presente. Ele evoca seus contos, sua mitologia”] (Djavann in Le Bris; Rouaud, 2007, p. 295). Embora haja uma pluralidade de línguas e costumes no complexo universo que unimos sob a denominação de muçulmano, essas culturas têm a marca comum da tradição construída ao longo de séculos de história: o cultivo da “alta literatura”, a partir da habilidade narrativa herdada de Sherazade, e a ancestralidade que remonta ao antiquíssimo povo berebere que habita o Saara desde tempos remotos, chamados de tuaregues, são alguns exemplos dessa tradição.

As culturas caribenhas, pelo contrário, são recentes e marcadas, ainda, pela indefinição. Stuart Hall (2003, p. 34) afirma que são “impuras”, porque “essencialmente impelidas por uma estética diaspórica”. No mesmo sentido, Maryse Condé (1975) explica que, ainda hoje, os antilhanos são desconhecidos para si mesmos e estão em permanente busca por uma identidade que não cessa de escapar de suas mãos. Isso se deve, segundo Condé, às circunstâncias históricas de formação do povo antilhano, já que o local de residência lhes foi imposto ao serem trazidos nos navios negreiros, e, portanto, eles nunca tiveram a liberdade de organizar seu próprio universo. Sua personalidade foi sempre direcionada pelo Mestre das plantações e essa dependência constitui uma herança pesada, que faz com que, mesmo depois de gerações, o povo caribenho esteja em constante busca de compreender o que o define.

Refletindo sobre o nomadismo, Isabel Jasinski (2012) afirma que uma das principais características do ser “errante” é a vivência intensa do presente, já que a impermanência das coisas não permite o apego. Em suas palavras: “a memória é imediata, porque a vida não permite mais que se cultive no campo da tradição” (Jasinski, 2012, p. 82). Essa circunstância também explica o caráter de indefinição e novidade da cultura caribenha, já que a memória, assim como a identidade, é composta de fragmentos, que constituem um mosaico, sempre em processo de elaboração.



Essa percepção vem como uma epifania para Félicie ao entrar em contato com a cultura de Mohamed, pois a descoberta das tradições do deserto estimulou a reflexão sobre a sua própria ancestralidade. Félicie evoca, então, a figura dos *nèg-mawon* como grandes heróis destemidos que libertaram seu povo:

Quando partimos, perguntei a Mohamed o que ele sabia dos Tuaregues. Ele me respondeu que eles se deslocavam sem cessar pelo deserto, portando sempre um véu – o *chèche* – por causa das tempestades de areias, e não tinham medo de nada nem de ninguém. Não foi necessariamente por inveja, mas era necessário que – eu também – erguesse, como uma bandeira, meus valorosos ancestrais. Talvez para que eu me valorizasse na estima de Mohamed. Talvez ele me enxergasse de uma maneira diferente se ele reconhecesse atrás de mim as sombras gigantescas dos *nèg-mawon* da escravidão. Eu disse:

– Na minha terra também tinha os ancestrais que não temiam ninguém. Eles quebravam suas correntes. Fugiam para as florestas. Quando eram pegos, levavam surras até que ficassem de quatro. E se tentassem de novo, cortavam-lhes uma perna, e depois a outra. Aqueles que tinham sucesso viviam nas florestas. De noite, atacavam as plantações para libertar seus irmãos. Eles conquistaram sua liberdade<sup>13</sup> (Pineau, 2010, p. 60-61).

Esse trecho emparelha os tuaregues – povo nômade dos desertos – com os *nèg-mawon* – expressão em crioulo guadalupense correspondente à palavra *marron*<sup>14</sup>, que designa os escravizados que fugiam das plantações e viviam em comunidades escondidas na floresta, semelhantes aos Quilombos no Brasil. A comparação carrega uma certa ingenuidade do olhar infantil da narradora, mas também contém em si uma potência: a de resignificar a auto-imagem desses negros que foram arrancados de suas terras, separados de suas culturas ancestrais e obrigados a se reinventar no outro lado do Oceano. Félicie não se sente diminuída; ela honra os feitos de seus antepassados tratando-os com reverência e reconhecendo suas sombras gigantescas.

13 Tradução nossa. No original: “Quand nous sommes partis, j’ai demandé à Mohamed ce qu’il savait des Touaregs. Il m’a répondu qu’ils se déplaçaient sans cesse dans le désert, portaient toujours un voile - le chèche - à cause des tempêtes de sables, et n’avaient peur de rien ni de personne. Ce n’était pas vraiment de la jalousie, mais il fallait que - moi aussi - je brandisse, comme un drapeau, mes valeureux ancêtres. Peut-être pour grandir dans l’estime de Mohamed. Peut-être pour qu’il me regarde autrement s’il voyait derrière moi les ombres gigantesques des nèg-mawon de l’esclavage. J’ai dit: – Chez moi aussi, y’avait des ancêtres qui ne craignaient personne. Ils brisaient leurs chaînes. Ils fuyaient dans les bois. Quand on les attrapait, on les battait jusqu’à les faire marcher à quatre pattes. Et s’ils récidivaient, on leur coupait une jambe, et puis une autre. Ceux qui s’en sortaient vivaient dans les bois. La nuit, ils attaquaient les plantations pour libérer leurs frères. Ils ont gagné leur liberté”.

14 Sobre a historicidade do termo, explica a pesquisadora brasileira Eurídice Figueiredo (1998, p. 16, grifos no original): “A palavra *marron* vem do espanhol *simarron*, que designa um macaco que se esconde no mato e só sai furtivamente para comer. Nas Antilhas, o *marron* geralmente se refugiava no alto das colinas (mornes, que vem do espanhol morros), região com bastante vegetação, ao contrário das planícies onde se plantava a cana. A partir de *marron* foi criada a palavra *marronnage*, que corresponde à resistência, sendo usada, inclusive, no sentido cultural [...]”.



Além disso, o fato de Mohamed nunca ter visto o mar desperta em Félicie uma valorização de sua terra, afinal, percebe que teve o privilégio de crescer em uma ilha exuberante, repleta de rios e de natureza abundante. Mas não se trata de idealizar o Caribe como um paraíso tropical; ela também reflete sobre as dificuldades de viver nessa terra, que por vezes se torna hostil. Félicie explica que o mapa de Guadalupe tem o formato de uma borboleta (o *papillon* do título) e esse animal representa bem as qualidades da ilha: bela, por um lado, mas frágil e aprisionada por outro.

Mohamed pensa que ele nunca verá o mar [...] Foi nesse momento que eu percebi a sorte que tive de viver em Guadalupe durante dez anos, com os rios e o mar onde mergulhar, as florestas e os montes a escalar [...] Guadalupe tem a forma de uma borboleta. Mas não se deve acreditar nas pessoas que dizem que é um paraíso sobre a terra. Todos os anos, quando se aproximava a estação dos ciclones, eu tremia com Man Ya em nossa casa frágil. E o *Soufrière*, nosso terrível vulcão, pode também despertar, de uma hora para outra, e nos engolir. E a terra pode se pôr a dançar sob nossos pés, e depois nos chacoalhar; é como se a borboleta batesse as asas para um voo impossível e desesperado. Entretanto, não se passa um dia sem que eu sonhe com minha vida lá. Retornar, é isso o que me cabe<sup>15</sup> (Pineau, 2010, p. 68-69).

Apesar dessas diferenças, Félicie também enxerga grandes pontos de identificação com Mohamed, que permitem a construção de uma ponte entre as culturas. Assim como o povo caribenho é diaspórico, também os tuaregues eram semi-nômades. Segundo Jasinski (2012), a errância favorece o desprendimento e a libertação de preconceitos, possibilitando, assim, uma abertura à alteridade. “Por não pertencer a nenhum lugar, o nômade está a caminho com o outro [...] há algo de libertário naquilo que não se enraíza” (Jasinski, 2012, p. 83).

Ao tratar de tradução como um dispositivo de perceber e analisar as literaturas sem morada fixa, Ette (2018) sugere que o foco das análises literárias recaiam com mais intensidade sob fenômenos de tradução e transmissão, para, a partir do movimento de “fora” também “[...] compreender as línguas e territórios da literatura como espaços de migração e imigração para expressões de ‘língua estrangeira’ e ‘cultura estrangeira’, nos quais o ‘alheio’ lampeja como parte do ‘próprio’ sem todavia perder seu ‘alheamento’ no

15 Tradução nossa. No original: “Mohamed pense qu’il ne verra jamais la mer. [...] C’est là que j’ai mesuré la chance que j’avais eu de vivre en Guadeloupe pendant dix ans, avec les rivières et la mer où plonger, les bois et les mornes à escalader. [...] La Guadeloupe a la forme d’un papillon. Mais il ne faut pas croire les gens qui disent que c’est le paradis sur terre. Chaque année, à l’approche de la saison des cyclones, j’ai tremblé avec Man Ya dans notre case branlante. Et la Soufrière, notre terrible volcan, peut aussi se réveiller, sur un coup de tête, et tous nous engloutir. Et la terre peut se mettre à danser sous nos pieds, et puis nous faire chavirer; c’est comme si le papillon battait des ailes pour un envol impossible et désespéré. Pourtant, il ne se passe pas un jour sans que je songe à ma vie de là-bas. Y retourner, voilà ce qui me travaille”.



‘próprio’” (Ette, 2018, p. 43). Esse processo de se reconhecer na alteridade é exatamente o que Félicie e Mohamed fazem o tempo todo na narrativa.

As identificações que compartilham se constroem nos traços mais simples de suas culturas, como no nome de dois doces diferentes que suas avós fazem. Enquanto Fatiah, a avó de Mohamed faz um bolo chamado *loukoum*, Man Ya faz um bolo de fermentação natural chamado *doukoun*. Em Paris, Félicie se diverte com a semelhança quando ouve falar do bolo da avó de Mohamed: “*Loukoum et doukoun, ça se joue sur la même musique, ça rime, c’est parent*. [Loukoum e doukoum brincam com a mesma música, eles rimam, são parentes]” (Pineau, 2010, p. 56). Mais adiante, quando as crianças vão visitar Guadalupe em uma viagem com a escola, Mohamed finalmente experimenta o bolo caribenho e conclui que eles não têm nada de semelhante. Essa descoberta de nomes parecidos e sabores diferentes só é possível quando há o contato entre as culturas, evidenciando como a identidade dos personagens se constrói pouco a pouco na relação com o outro.

Além de suas origens culturais, as identificações também acontecem no plano individual, como o som parecido que seus sobrenomes têm e a coincidência de serem precedidos por “Ben”: “*Mo m’a dit que ça nous rapprochait. C’était comme si nos ancêtres avaient été cousins: les Ben Doussan et les Ben Jamin*. [Mo me disse que isso nos aproximava. É como se nossos ancestrais tivessem sido primos: os Ben Doussan e os Ben Jamin]” (Pineau, 2010, p. 105). Em árabe dialetal, nome “ben” significa “filho de”, logo, funciona como um patronímico. É curioso notar que essa palavra também aparece no nome de Félicie, personagem que não apresenta indícios de ter ascendência árabe ao longo do romance; seu sobrenome, “Ben Jamin”, pode ser apenas uma outra grafia para o nome “Benjamin”. No entanto, pelo caráter rizomático<sup>16</sup> de que são compostas as culturas das Américas, uma vez que suas tradições originais foram soterradas pelos processos colonizatórios e o que restou foi a mistura, acreditamos que isso pode ser um rastro de transculturalidade, não explícito na obra.

A figura da avó também os aproxima uma vez que ambos as veem como essas senhoras guardiãs de uma sabedoria antiga ao mesmo tempo que carinhosas e acolhedoras com seus netos: “*Quand j’ai rapporté ces paroles à Mo, il m’a dit que Man Ya valait, en sagesse, sa*

16 Termo proposto por Gilles Deleuze e Félix Guattari em oposição à ideia de raiz: enquanto esta é fixa e singular, o rizoma é ramificado e distribuído em redes. Glissant (2021) utiliza essa ideia como base da sua poética da Relação: “O pensamento do rizoma estaria no princípio do que eu chamo de poética da Relação, segundo a qual toda identidade se desdobra numa relação com o Outro” (2021, p. 34).



*grand-mère Fathia*. [Quando repeti essas palavras ao Mo, ele me disse que Man Ya se assemelhava, em sabedoria, a sua avó Fathia]" (Pineau, 2010, p. 123). As duas avós ocupam nas respectivas famílias a função de contar histórias, manter as tradições culinárias e preservar a língua materna. Elas servem como grandes figuras de referência tanto para Félicie quanto para Mohamed, o que demonstra que ambas as culturas têm como ponto em comum a prevalência das mulheres como responsáveis pelo armazenamento e pela transmissão de tradições.

Um dos grandes movimentos de transformação identitária a partir da alteridade é quando Mohamed, que nunca havia visto o mar, o conhece pela primeira vez. O menino fica encantado com o movimento das ondas já da janela do avião enquanto estão sobrevoando a ilha de Guadalupe. Em três dias, ele aprendeu a nadar e, enquanto durou a viagem, ia à praia sempre que podia, passava o dia inteiro lá, voltando para casa só depois de escurecer. Félicie descreve esse encontro de Mohamed com o mar em diversos momentos e de maneiras muito poéticas, afirmando, inclusive, que o mar o reconheceu como um de seus filhos<sup>17</sup>. Esse encontro transforma Mohamed profundamente, pois foi nele que descobriu a sua verdadeira paixão, como revela à Félicie quando já estão no avião retornando a Paris.

– Você sabe, Feli... eu tenho uma paixão... como Max. [...] A minha paixão... é o mar. Acho que vou tentar me tornar salva-vidas, Feli. Queria ensinar os outros a amar o mar. Quando eu o vi, a primeira vez, meu coração bateu forte, forte... Você acha que eu poderia me tornar salva-vidas, Feli?<sup>18</sup> (Pineau, 2010, p. 123).

Já Félicie é transformada durante todo o processo de deslocamento que vive ao longo do romance: ao conhecer a *cité*, na convivência com uma nova família, no contato com pessoas de cores e origens diferentes, na amizade com um menino que veio de uma cultura ancestral – com a qual descobriu distâncias e proximidades. Nesse lugar de alteridade, Félicie descobre que pode ampliar seus horizontes, sem com isso romper o vínculo com as memórias afetivas de sua infância; ela percebe que a identidade não precisa ser linear e pode

17 Em francês, “mar” é um substantivo feminino, “la mer”, por isso, quando personificado, ganha características femininas; nessa passagem, Félicie o descreve como uma mãe segurando seu filho nos braços: “[...] *La mer avait reconnu Mo comme l’un de ses enfants. Elle l’avait pris dans ses bras, l’avait bercé, porté et tapoté avec ses vaguelettes caressantes*. [O mar havia reconhecido Mo como um de seus filhos. Ele o havia pegado em seus braços, o ninado, carregado e balançado com suas ondinhas carinhosas]” (Pineau, 2010, p. 105). Além disso, “la mer” [o mar] e “la mère” [a mãe] são expressões homófonas em francês, o que facilita ainda mais a associação dessas figuras nessa língua.

18 Tradução nossa. No original: “ – Tu sais, Féli... j’ai une passion... comme Max. [...] Ma passion à moi... c’est la mer. Je crois que je vais essayer de devenir maître-nageur, Féli. J’voudrais apprendre à d’autres à aimer la mer. Quand je l’ai vue, la première fois, mon cœur a battu fort, fort... Tu crois que je pourrai devenir maître-nageur, Féli ?” (Pineau, 2010, p. 123)



ser construída a partir do caos da mistura. E esse encontro aconteceu por meio da língua francesa, língua que estabelece pontes entre as diferentes culturas que a compartilham.

Pineau consegue, de maneira primorosa, evidenciar o movimento de construção identitária de seus personagens a partir do momento que se encontram. Mohamed, ao conhecer o mar, conhece um traço importante sobre si mesmo e faz isso apenas quando entra em contato com o lugar do outro, o que o modifica de maneira intensa. Mesmo depois de retornar a Paris, ele não será o mesmo; sua vida agora tem um outro sentido pois adquiriu novas ambições, gostos e desejos. Paralelamente, Félicie passa por um processo de amadurecimento, no qual deixa para trás uma visão binária e simplista do mundo e abraça uma percepção mais complexa sobre a vida, a partir da qual é possível conciliar diferentes identidades: manter as raízes em Guadalupe com a avó e ao mesmo tempo expandi-las (em teia) para a França e a nova família.

Nessa perspectiva, é possível pensar em uma literatura-mundo em francês para além do que propõe Le Bris e Rouaud (2007), como um grande guarda-chuva que tenta abarcar toda a literatura escrita em francês apagando suas particularidades, mas nos moldes de Ette (2018) e de Glissant (2021), uma literatura que carrega em si a opacidade, preocupada em dialogar com as nuances e os movimentos que acontecem no interior dessa língua já não só de Molière, mas de Condé, de Laferrière, de Djavann, de Pineau e de muitos outros.

### Considerações finais

O livro *Un papillon dans la cité* [Uma borboleta na vila] traz, a partir de um olhar infantil, reflexões profundas sobre a relação com o outro e sobre a forma como podemos ser transformados a partir dessa experiência de atravessamento. Félicie e Mohamed, assim como a própria Gisèle Pineau, têm suas vidas marcadas pela diáspora, pois tiveram que crescer em ambientes distantes de sua origem — por vezes hostis —, que provocam neles a constante (e incômoda) sensação de não estar em casa. Apesar da dor de se sentirem sempre diferentes, ao viver o exílio, também tiveram a oportunidade de ver seus horizontes expandidos: Félicie, no encontro com Mohamed, conseguiu enxergar as riquezas e valores de sua própria cultura, ao mesmo tempo em que percebeu a possibilidade de ampliar sua identidade, após se permitir ser transformada pelo contato com um lugar diferente e uma nova família; e Mohamed, por sua vez, a partir do contato com Félicie e a ilha de Guadalupe,



conseguiu se encontrar justamente no elemento líquido que se opõe à secura dos desertos que caracterizam a sua cultura de origem.

Segundo Stuart Hall (2003), as fronteiras deixam de representar pontos de separação, tornando-se locais de passagem, e, com isso, caminhamos em direção a ultrapassar um binarismo que demarca uma oposição rígida entre o dentro e o fora. Assim, a errância vai se tornando o modo de vida mais comum, em vez de ser a exceção que exclui. Dessa forma, surge a necessidade de pensar em outras maneiras de categorizar a literatura para além das fronteiras nacionais. “As literaturas do mundo perderam em sedentarismo e cada vez mais absorveram padrões de percepção, de escrita e de pensamento nomadizantes, que se encontram em constante movimento” (Ette, 2018, p. 40).

O romance aqui analisado, portanto, demonstra o compromisso do projeto literário de Gisèle Pineau de produzir uma literatura nacional ao mesmo tempo que literatura mundo, ou seja, de estabelecer pontes entre culturas diferentes que se transformam e se constroem no movimento e na relação, uma vez que “não se pode decompor cada cultura particular em elementos primeiros, pois seu limite é indefinido e a Relação atua ao mesmo tempo nessa relação interna (de cada cultura com seus componentes) e nessa relação externa (dessa cultura com outras que lhe interessam)” (Glissant, 2021, p. 198). Sendo assim, Pineau produz uma obra que evidencia, em sua temática, o caráter arquipelágico tanto das construções identitárias quanto das literaturas-mundo.

## Referências

ARAÚJO, Karolyne Porpino de. **As tessituras do exílio e do imaginário crioulo em *L'exil selon Julia*, de Gisèle Pineau**. 119 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Niterói, 2023.

BONNET, Véronique. La littérature de la Caraïbe pour la jeunesse : des histoires à part ou l'histoire à part entière? **Amnis**, n. 16, 2017. Disponível em: <http://journals.openedition.org/amnis/3147>. Acesso em: 6 mar. 2024.

CASSIN, Barbara. **La nostalgie**: quand donc est-on chez soi? Paris: Éditions Autrement, 2013.

CONDÉ, Maryse. Civilisation noire de la Diaspora. In: **Présence Africaine**, 1975/2 (N° 94), p. 184-194. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7890561/mod\\_resource/content/1/condé\\_présence%20africaine\\_civilisation%20noire%20de%20la%20diaspora.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7890561/mod_resource/content/1/condé_présence%20africaine_civilisation%20noire%20de%20la%20diaspora.pdf). Acesso em: 31 ago. 2023.

ETTE, Ottmar. **EscreverEntreMundos**: Literaturas sem morada fixa (SaberSobreViver II). Trad. Rosani Umbach, Dionei Mathias, Teruco Arimoto Spengler. Curitiba: Ed. UFPR, 2018.



- FIGUEIREDO, Eurídice. **Construção de identidades pós-coloniais na literatura antilhana**. Niterói: EdUFF, 1998.
- FRANCHINI, Pauline. *Littérature migrante et migrance générique chez les autrices caribéennes Edwidge Danticat et Gisèle Pineau: de la littérature générale à la littérature de jeunesse*. SFLGC, Bibliothèque Comparatiste, 2019.
- GLISSANT, Édouard. **Poética da relação**. Tradução de Eduardo Jorge de Oliveira e Marcela Vieira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Organização de Liv Sovik; Tradução de Adelaine La Guardia Resende, Ana Carolina Escosteguy, Cláudia Álvares, Francisco Rüdiger e Sayonara Amaral. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- JASINSKI, Isabel. **A condição de estrangeiro: literatura e exílio em Francisco Ayala**. Curitiba: Editora UFPR, 2012.
- LE BRIS, Michel; ROUAUD, Jean (org.). **Pour une littérature-monde**. Paris: Gallimard, 2007.
- LEJEUNE, Philippe. **Le pacte autobiographique**. Paris: Seuil, 1975.
- NNAEMEKA, Obidiegwu Vincent. Histoire antillaise et évolution des écritures des femmes antillaises. **Journal of Languages, Linguistics and Literary Studies (JOLLS)**, vol. 8, mar./2019, p. 195/204.
- PINEAU, Gisele. **L'exil selon Julia**. Paris: Librairie Générale Française (Le Livre de Poche), 2020.
- PINEAU, Gisèle. **Un papillon dans la cité**. 3 ed. Paris: Édition Sépia, 2010.
- ZIETHEN, Antje. La littérature pour la jeunesse ou l'art de 'danser dans les chaînes': trois textes sur la diaspora haïtienne en Amérique du Nord. **Francophonies d'Amérique**, n. 33, 2012, p. 79-94. Disponível em: <https://doi.org/10.7202/1016369ar>. Acesso em: 6 mar. 2024.

